



PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

N.º 18 — LISBOA, 14 DE MAIO

1.º ANO 1933

Publica-se ás quartas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 500 rs. | Africa e Índia Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 500 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

111, Rua do Norte, 113

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

MAU-TEMPO



A Igreja, afim de regular melhor as suas relações com o Ceu—decide-se a pôr um contador no Tempo.

Modas & Confecções

O caracter essencial dos leitores dos jornaes é a constancia. Ser o «constante leitor» de um jornal significa não o ser quasi nunca.

Um «constante leitor» do *Diario de Noticias* dirige a este velho orgão da imprensa uma carta, na qual se formula o pensamento de se estender ao Colyseu dos Recreios o regimen prohibitivo já em vigor nos outros theatros da capital, relativamente aos chapéus das senhoras.

Certamente o chapéu da mulher moderna occupa um espaço exaggerado no seio da sociedade, assim como as caudas dos seus vestidos, que literalmente se apoderaram do restricto terreno que tinham deixado livre ao nosso sexo, os carros electricos e, em geral, as mil applicações do Progresso, que hoje em dia obstruem a via publica, sob o pretexto de servir os interesses da viação.



Por outro lado, o chapéu da mulher é — bem o sabemos — o mais inutil dos objectos que a sobrecarregam.

O chapéu da mulher é uma das muitas superstições da mulher.

E' tambem certo não estar provado que seja de muito maior utilidade o do homem, mas emfim o chapéu, ao homem, serve para se tirar da cabeça em determinadas circumstancias, o que não sabemos porque motivo, é considerado como uma manifestação de respeito e de cortezia. E' realmente bem frivolo que o facto de trazer a cabeça coberta ou descoberta, tenha uma significação social. E', porém, assim. O homem usa o chapéu e tem por costume trazel-o na cabeça, para ter occasião de o tirar da cabeça. Não o trazer seria talvez mais pratico, visto que só o traz para o tirar. Mas não é menos certo que algumas vezes elle o precisa pôr. Por exemplo, quando diz: — «Está levantada a sessão!»

Em resumo, o homem procura explicar o chapéu fazendo-o collaborar nos seus actos.

A mulher, não.

Com effeito, a mulher traz á cabeça um objecto que não se justifica, o que ella por certo comprehende admiravelmente, porquanto o faz sempre acompanhar de grande numero de accessorios que lhe deem alguma razão de ser.

Por outro lado tambem, não o maneja. O chapéu da mulher não tem significação social. Ella não o tira. Não é realmente pratico nas relações sociaes tirar da cabeça um gigo de fructa e repol-o no seu lugar, sob o pretexto de saudar uma pessoa que passa. A mulher não cumprimenta com o chapéu, mas tão sómente com a cabeça, com os olhos, com os labios. Em Lisboa é costume cumprimentar com o pescoço. Uma brusca tensão do pescoço significa que as nossas homenagens foram acolhidas favoravelmente. Quando a mulher tira o chapéu é que começa a despir-se, ou então que renunciou a esse — e quer outro. A unica razão que ainda aos nossos olhos explica o chapéu das mulheres é a necessidade que ellas constantemente experimentam de os trocar por outros. Em vão, o espirito avido de conhecer, procura outra razão. Não a encontra.

O chapéu da mulher, como a propria mulher de que elle faz parte é um enigma.

Submettido ás phantasias da moda, eis, porém, que o chapéu feminino começou a interpôr-se entre a Vida e o Homem.

O homem alarmou-se.

As primeiras providencias applicadas aos theatros prohibem o chapéu ás mulheres.

Mas ha theatros e theatros e a mulher, sobrecarregada do seu chapéu, refugia-se no Colyseu, onde o homem, para manifestar que a circumstancia de ter um chapéu na cabeça augmenta o numero das suas felicidades, se mantém regaladamente coberto.



D'ahi mesmo elle a procura desalojar.

Não é justo.

Limitar a liberdade individual quando esta não põe em risco o mesmo principio da liberdade — é cair no arbitrio. A melhor definição de liberdade é aquella que estabelece que a liberdade propria acaba onde começa a liberdade alheia. Não se legisla em nome de commodidades, mas em nome de direitos. Um chapéu grande pôde ser incommodo, como tantas coisas grandes, sem que por esse facto haja o direito de o prohibir. Se a auctoridade se exercesse em nome do egoismo de cada um, o mundo seria uma vasta prisão.

Eis o facto.

Por muitas vantagens que tenha trazido aos espectadores dos nossos theatros a prohibição do chapéu feminino, nem por isso essa prohibição deixou de ser um acto arbitrario.

Os ataques á liberdade mostram-se nas menores coisas. Esse foi um ataque á liberdade, e é tão igualmente importante para a integridade de um principio dar-lhe um pequeno encontro como um encontro grande. Em ambos os casos, elle é offendido.

Detenhamos-nos, ou n'outro caso regulamentemos, mas com ordem.

O que é que nos incommoda?

Os chapéus?

Regulamentemos os chapéus.

Ha em Portugal um homem, em cujas mãos se encontram reunidos os destinos de grande numero de liberdades publicas.

E' — todos o sabemos — o sr. juiz Veiga.

Confiemos-lhe mais essa.



Deleguemos no juizo de instrução criminal esse ramo de modas e confecções e que o sr. juiz Veiga crie um modelo de chapéus para senhoras como já creou um modelo de imprensa para homens.

JOÃO RIMANSO.

O SERÃO

Personagens: — VASCO DA GAMA, CAMÕES, HERCULANO, JOÃO DE DEUS E GARRETT.

É noite.

(*Na igreja dos Jeronymos. Os ultimos echos dos cantos sagrados esmorecem de encontro ás frias abobadas do templo manuelino que o orador Antonio Cabral disse «filigranado de laçarias» e a que o padre Patricio chamou — templo da Historia.*)

O sacristão apaga a ultima vela, depois de espevitar a lampada do altar mór; genuffecte, persigna-se e sae. Dá meia noite.

HERCULANO — (*Entrando na igreja e dirigindo-se á capella de João de Deus*). João? ó João?

JOÃO DE DEUS — (*Levantando a tampa da urna*). Que é, mestre?

HERCULANO — Onde está o Garrett?
JOÃO — Aqui, ad lado. (*Levanta-se e sae*).

HERCULANO — Vamos bater lhe á porta. Como não sabe os costumes da casa é capaz de se deixar dormir.

JOÃO — Vamos lá.

HERCULANO — Você não o conheceu?

JOÃO — Já não. Era muito novo...
HERCULANO — Pois perdeu... era um homem...

JO — A valer?
HERCULANO — Era dos poucos que me entravam em casa. (*Batendo com os nós dos dedos na tampa do caixão*). O' João Baptista, ó Garrett?

VOZ DE DENTRO — Quem é?
HERCULANO — Sae d'ahi. Sou eu o Herculano.

VOZ — Espera um momento. Estou todo despenteado.

HERCULANO — Avia-te. (*Baixo a João de Deus*). Foi sempre assim... preso pelos cabellos.

GARRETT — (*Saindo da urna*). O' Herculano! (*Abraçam-se*). Que grande alegria. (*Reparando*). Estás mais velho de quando eu te deixei; mas que bello ar... (*Vendo João de Deus*). Quem é este senhor?

HERCULANO — E' o sr. João de Deus poeta lyrico por excellencia e auctor da *Cartilha Maternal* a mais bella obra de ensino que appareceu na nossa terra.

GARRETT — E ensina...?
HERCULANO — A lêr; em trinta lições.

GARRETT — (*Apertando-lhe a mão*). Muita honra... Então no nosso paiz toda a gente sabe lêr, hoje?

JOÃO DE DEUS — Ninguém!

GARRETT — (*Delicado*). Perdão... essa palavra...

JOÃO DE DEUS — Descuipe-me vossa excellencia o plagiato... quasi ninguém.

GARRETT — Como assim?
JOÃO DE DEUS — Achavam que era velocidade de mais para aprender a lêr...

GARRETT — De modo que a minha obra...

JOÃO DE DEUS — Deve ser conhecida, cabalmente,—apenas—por umas dezoito pessoas!

HERCULANO — Se tanto!

GARRETT — Mesmo o *Theatro*?
JOÃO DE DEUS — Esse não. Segundo me disseram, que eu não ia ao *theatro* havia muito tempo, ainda ha pouco foi representado no *theatro* de D. Maria o Frei Luiz de Souza com um exito extraordinario...

GARRETT — (*Baboso*). Oh! Oh!
JOÃO DE DEUS — ... Para o scenographo!

(*Garrett embucha. Para lhe ser agradavel Herculano accrescenta:*)

HERCULANO — E' verdade, olha que te puzeram um busto no salão.

GARRETT — Ah! e que tal?

JOÃO DE DEUS — (*amavel*). Não é mau...

HERCULANO — Um monstro. Uma carranca de barba á passa piolho que só lhe falta deitar agua pela bocca.

GARRETT — (*lugubre*). Barbaros! Estou eu só?

HERCULANO — Não; estás defronte da Emilia, a tua comica predilecta.

GARRETT — Tempos...!
JOÃO DE DEUS — E vão pôr agora lá o Ennes.

HERCULANO — Quem é o Ennes?

GARRETT — Então você não conhece o Ennes?

HERCULANO — Eu, não.

GARRETT — E vão lá pol-o?

JOÃO DE DEUS — Eu explico a vossa excellencia. O gerente, o Posser...

GARRETT — Estrangeiro?

JOÃO DE DEUS — ... Portuguez... é progressista. O Ennes foi progressista... d'ahi...

GARRETT — Então o *theatro* de D. Maria é centro politico, agora?

JOÃO DE DEUS — Agora... não é nada; mas como um homem chamado Zé Luciano...



HERCULANO — O dos chouriços...

GARRETT — O dos chouriços? Que historia é essa? pois devêras tem uma historia...

HERCULANO — (*a João de Deus*). Vá, adeante.

JOÃO DE DEUS — Como dizia a vossa excellencia, o Zé Luciano é amigo do Posser e foi amigo do Ennes.

GARRETT — E então o Posser...

HERCULANO — Para ser agradavel ao Luciano...

GARRETT — ... pespega com o Ennes...

JOÃO DE DEUS — ... ao lado de vossa excellencia!

(*Riem os tres*).

GARRETT — Tem graça.

HERCULANO — (*Grave*). Sucia de bebedos!

GARRETT — O' Herculano! Sempre na mesma... (*Reparando*). Quem são aquellos dois vultos que passeiam e conversam tão acaloradamente?

HERCULANO — Ora... é o Camões que anda a repetir desvanecido, as suas eternas estrophes dos Luziadas. Elle é orgulhoso, como todos os poetas; o almirante é vaidoso como todos os fidalgos...

GARRETT — (*Olhando amoroso os vultos*). O' meu Luiz!

HERCULANO — O teu Zarolho.

JOÃO DE DEUS — O nosso épico!

GARRETT — Herculano, apresentame.

(*Dirigem-se os tres para os vultos*). O' meu Luiz?

CAMÕES — Herculano.

HERCULANO — Está, aqui, o Garrett, que chegou hoje e que o quer conhecer. Olhe que foi o maior amigo que teve lá fora. Escreveu um poema com o seu nome e nunca perdeu occasião de lhe ser agradavel, em prosa ou em verso. Foi um homem honrado.

CAMÕES — (*Curvando-se gentilmente*). A minha penna e a minha espada, senhor, pertencem-vos.

GARRETT — (*Commovido*). Oh! corpo de maior alma que tem Portugal, viva Deus, que vos posso vêr e amar eternamente. (*Abraça-o*).

HERCULANO — (*a Garrett*). Bem, falta conhecer aqui o almirante para estarmos á vontade. D. Vasco apresente-lhe o visconde de Almeida Garrett, de quem lhe tenho falado...

GAMA — Visconde...? da casa?...
HERCULANO — Da casa dos Leitões... do Porto... negociantes...

GAMA — (*com ar frio, estendendo-lhe a mão*). Muito gosto.

HERCULANO — Se nos sentassemos?

GARRETT — Boa idéa, por causa das varizes.

(*Sentam-se n'um degrau d'altar, Herculano, Garrett e João de Deus. Em frente ficam de pé — o Camões e o Gama*).

(*Continúa*).

DOIS EMES.

Os Companheiros do Silencio



Os Companheiros do Silencio decidem-se enfim a falar.
VOZES — Ordem! Ordem!

Verdadinhas tezas.

Ando mesmo aparvalhado
Co' estas coisas do Progresso,
Que o mundo viram do avesso
Se não de pernas p'ra o ar;
Pega um homem no realejo,
Começa a dar á sanfona...
E parece *prima dona*
Sem aprender a cantar!

Fulano de tal e coisas
Nunca aprendeu o desenho,
Mas acorda com empenho
De brilhar entre alfacinhas,
Mette-se a ser um photographo,
Começa a fazer retratos
Bonitos, bons e baratos...
Andam com elle em palminhas.

Este não acerta em verso,
Conta as syllabas a dedo
E deixa a tremer de medo
Quem lhe receita um dambú:
Um dicionario de rimas
Acha por feliz acaso,
Trepá ao cume do Parnaso
E trata as musas por tu!

Um pé de boi, um paçudo
Tem a bolha de ser leve,
A desengonços se atreve.
Como os bonecos de França:
Perto da Casa Havanaza
Lamenta o triste destino;
N'isto apparece um Justino
Que o faz um mestre de dança!

Certo Fulano de Anzóes
A toda a hora soluca
Porque lhe falta a dentaça
E não acha quem lh'a impinja:
N'isto apparece um dentista
Que remedeia transtornos;
E o homem já trinca cornos
E até caróços de ginja!

O Progresso tem subido
A uma altura já tão alta,
Que não sei o que mais falta
Para elle subir ao ceu:
Talvez que inda eu veja um dia
No meio d'esta baralha,
Os homens comerem palha,
Comur tocinho um judeu!

**A Noite do Calvario.**

O' sr. Hintze, queira ouvir.

Como, naturalmente, á vista aquilina de vossa excellencia não chegam os jornaes do Rio de Janeiro, temos a honra de lhe collocar sob a mesma aquilina vista o extrato de um jornal brazileiro, do maior valor, o *Correio da Manhã*.

Lá, como cá, os grandes espiritos encontram-se, a *Noite do Calvario* foi prohibida á pedido de um cavalheiro, que se não percebe porquê e com que direito foi accusar a peça perante o commissario de policia.

Lá, porém, não como cá, a suspensão durou um dia e os jornaes do dia seguinte ao da representação da peça, censuraram asperamente o procedimento estranho da auctoridade, dizendo o mesmo *Correio da Manhã*:

«A policia incumbiu-se hontem de fazer um excellentre reclamo á peça do illustre escriptor Marcellino Mesquita, *Noite do Calvario*, cuja primeira representação se annunciava no Recreio.

De *estranhar* foi a resolução do sr. dr. Cardoso de Castro, prohibindo a exhibição do original portuguez, que *absolutamente não offendia a moral*, pelo contrario, nem tão pouco occasionaria a perturbação da ordem, duas hypotheses em que a auctoridade legalmente pôde e deve intervir.

Marcellino Mesquita, aproveitando um dos tantos *factos communs* na vida, teve apenas em mira demonstrar a desorganisação da sociedade moderna, exercendo um *legitimo direito de critica* dos costumes contemporaneos.

Finalmente, o sr. dr. chefe de policia, lendo a peça, comprehendeu o desarrasoado de tal prohibição e revogou a ordem dada no sentido de ser evitada a representação da *Noite do Calvario*, como pretendia o sr. Adriano Pinto Coelho, caixa da agencia financeira de Portugal, que requereu a intervenção das auctoridades, certamente mal informado sobre o trabalho do illustre dramaturgo portuguez, incapaz de ferir susceptibilidades de *quer quem que seja*.

Sublinhámos algumas phrases para que se demorem sobre ellas os vidros convexos da sua terrivel luneta de Pombal de alcôrce, e para se convencer mais uma vez de que não ha nada mais miseravel no mundo do que ter o poder e usar d'elle a contento dos parvos ou dos hypocritas.

A arte, excellentissimo senhor conselheiro, exercida honestamente é alguma coisa superior á vida porca de cada um.

A penna honrada de um escriptor é mil vezes mais alta do que a vida particular de cada qual, por que a critica social despreza absolutamente as individualidades para se exercer sobre os factos.

V. Ex.^a não comprehenderá bem, porque como da politica portugueza, que é o capricho, a vaidade, a influencia local de cada politico, imaginará que a arte, a critica, a philosophia, é tambem a representação da personalidade d'este, d'aquelle, d'aquelloutro.

Ora d'isto não temos culpa. Culpem-se os Deuses que põem á testa d'este paiz, as mais chatas mediocridades, emproadas e nullas. E por agora, ponto.

Chuva.

Andaram ahí a pedir chuva a todos os Santos do Paraizo.

Veio chuva e continuá a vir.

Começam as lamentações por que é de mais e se continúa...

Senhor patriarcha mande lá fazer preces para acabar o molho!

Fazenda

O sr. Richtie, ministro da fazenda em Londres, propõe para o novo exercicio de 1903-1904, a diminuição de impostos creados durante as guerras do Transwaal e da China.

Renuncia, por completo, ao imposto sobre cereaes, aliviando assim a classe operaria de uma contribuição de dois milhões de libras.

Isto em Inglaterra, mezes depois de gastarem 217 milhões de libras, por caso extraordinario.

Neste rico paiz, continua vigorando a lei da fome, pagando-se o pão por quarenta por cento a mais do que devia custar, apenas por causa da guerra dos partidos.

Como o sr. Souza deve rir-se do sr. Richtie que reduziu a despeza da Gran-Bretanha, a ponto de realizar um *bonus* de trezentas mil libras, sem se lembrar de tirar dezoito vintens aos empregados dos correios.

Pobre Inglaterra!

**Ainda Garrett**

Li em varios jornaes, que: Estabelecimentos officiaes tinham, á passagem do cortejo as bandeiras a meio pau. Que um bispo depois dos discursos officiaes, e se canta *o libera-me*, antes de ir o corpo para o logar que lhe destinaram na capella.

Mas então o que se fez no domingo foi o enterro de Garrett? O grande portuguez morreu no sabbado ou na sexta-feira?

Aquelle cortejo, era um cortejo funebre ou um glorioso cortejo?

Se era um glorioso cortejo, cortejo de alegria, de victoria, porque é que se puzeram as bandeiras em modo de lucto?

Se o Garrett já estava encomendado ha tanto tempo para que é que o tornaram a encomendar?

Se elle já tinha morrido ha tantos annos porque é que se portaram com elle, como se tivesse morrido n'aquelle dia?

Para que baralhar officios divinos com profanos? Foi porque tinha de entrar pela porta da igreja? A logica mandava então que o fizessem entrar pela janella.

Será bom, para futuras consagrações, repetir que festas d'esta ordem, são festas nacionaes, profanas, civis, como taes dispensadoras de *libera-mes* e de gatos pingados!

E' bom que se assente, isto, de vez.



OUTRA NA FERRADURA

Entrevistado por uma folha da tarde, um maçon declarou-se inabalavelmente adverso á idéa de que a maçonaria promova revoluções, do mesmo modo que tem promovido festas de caridade, em beneficio do asylo de S. João, e ajuntou :

«A liberdade não deve ser implantaJa pela revolução. O sangue é mau liquido para amassar principios, pessima argamassa para ligar homens.»

Optimamente.
O sangue é mau liquido e pessima argamassa.

Sómente, distingamos :
Ou bem que o sangue é liquido
Ou bem que é argamassa.
Se é argamassa não é liquido
Se é liquido não é argamassa.
Pelo menos sobre a argamassa, um pedreiro... livre deve ter uma opinião solida.



Durante uma sessão consagrada a Garrett, em Coimbra, um academico leu uma poesia intitulada — *Sé Garrett*.

E' a mania das grandezas.
Nós, em Portugal, não o fazemos por menos.



Na mesma sessão o sr. Bernardino Machado fez o elogio de Garrett, merecendo-lhe especial menção — refere um jornal — a sua vida de guerreiro.

Outra mania : a da confusão das personalidades.

O sr. Bernardino Machado não poderia ter falado de Garrett guerreiro. De quem certamente sua excellencia falou foi de Affonso Henriques, ou quiça de Affonso de Albuquerque.

Garrett foi quando muito um soldado. Guerreiro já não teve tempo de o ser. Veio muito tarde a um mundo muito velho.



O conselho de guerra de Orléans (França) arbitrou uma indemnisação de 40:000 francos a um soldado que cumpriu oito annos de prisão, por um crime de que se reconheceu estar innocente.

Cinco mil francos por anno — é quasi um modo de vida.

Emfim, não se pôde dizer que a justiça não repare os seus estragos.



Precisamente, segundo parece, está um innocente preso na Penitenciaria ha nove annos e ha treze privado da liberdade. E' pelo menos o que vem afirmando no *Jornal da Noite* o seu advogado, dr. Alexandre Braga.

O que se propõe dar-lhe a justiça ?
A liberdade ?
E' o que pede o advogado.
A liberdade e as suas desculpas.
Que a justiça é muitissimo bem educada.



As Fogueiras de S. João pozeram os miolos a arder ao publico do Porto.
Alguns jornaes pedem para reflectir.

O FERRADOR.

No confessorario.

— Senhor padre, confesso-lhe um peccado, E tenha compaixão do homem que pécca : Ha seis annos que vivo amancebado Co'a Maria Thomazia da Fonseca.



— Sei que d'esses peccados ha bastantes Por artes tentadoras do careca : Vá para casa e case quanto antes Co'a Maria Thomazia da Fonseca.

— Isso quiz eu fazer, bom padre amigo, Sei que este meu peccado é dos da breca... Mas teima em não querer casar commigo A Maria Thomazia da Fonseca !

— Pois se ella é d'essa raça e não jejua, E não vae confessar-se quando pécca, Ponha-me já, já, no olho da rua A Maria Thomazia da Fonseca !

— Não posso por que estou desempregado, Ha mais d'um anno que não ganho *téca*... Devo o andar bem vestido e bem calçado A' Maria Thomazia da Fonseca !...

O padre tira o lenço da algibeira, Os olhos lacrimosos n'elle sécca : — Quem déra que eu tivesse por sopeira A Maria Thomazia da Fonseca !...



Techo é uma que é... mesmo um marmanjo, Obriga-me a prégar por Sécca e Méca !... Adore essa mulher... por que é um anjo A Maria Thomazia da Fonseca !

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Aviso ao publico

Segundo communicação recebida da Companhia dos Caminhos de Ferro de Madrid a Zaragoza e a Alicante, encontra-se aberto á exploração o trajecto de Daifontes a Albolote, na linha de Moreda a Granada (caminhos de ferro do Sul de Hespanha), podendo admitir-se passageiros e expedições de todas as classes para a nova estação de Albolote em eguaes condições que para as demais d'aquella secção.

Lisboa, 23 de Abril de 1903.

O director geral da Companhia Chepuy.

Callista pedicuro



JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas
R. SERPA PINTO, 40, 1.º
(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e te consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.

Das 9 ás 5 da tarde



Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa de fabrico e concertos

FLORINDO
Jóias com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

TABOLETAS

Em todos os generos, dourados, pintura e gravura em vidro, letras de zinco em relevo, etc.

FRANCISCO SANTOS

R. do Gremio Lusitano 41, 52,

BEM CONHECIDA INCOGNITA

O *Temps* chegou hoje, confirma que por causa do seu rigoroso incognito a rainha de Portugal não receberia a visita do presidente da Republica Franceza, do chefe de estado da França.

Esse incognito não foi obstaculo a que a rainha de Portugal recebesse, como recebeu, a visita do principe real da Dinamarca e de outros personagens estranhos até á sua familia. Mesmo sob a convenção do incognito, quem está em Paris não é a princeza Amelia de Orleans, mas a rainha de Portugal.

Não podemos deixar de manifestar novamente a nossa estranheza e o nosso pesar por aquella exclusão de recebimento, que até agora, só foi applaudida pelo *Correio Nacional*. Se havia escrupulos de consciencia, aliás muito respeitáveis, havia um meio facil de harmonisar os escrupulos com as conveniencias internacionaes: era não ir a Paris.

(Das *Novidades*, de 9 de maio.)



SEM CEREMONIA

LOUBET—Então, que diz ella ?

COMBES—Diz que não !...

LOUBET—Ainda bem. Livra-me de massadas...